

O CONCEITO DE PHYSIS EM HOMERO, HERÓDOTO E NOS PRÉ-SOCRÁTICOS

HENRIQUE GRACIANO MURACHCO

Discute-se muito hoje na USP sobre multidisciplinaridade, interdisciplinaridade. E, aliás, quem discute muito não faz; é o que acontece. Há um personagem histórico que é multidisciplinar, interdisciplinar, adisciplinar, hipodisciplinar, hiperdisciplinar, Sócrates, o primeiro de todos. Sócrates, nos diálogos de Platão, faz tudo, e nunca se sente mal. E é por isto que aceitei o convite para participar deste evento.

Falar sobre a Natureza ou sobre a natureza? É um problema ecológico. É um outro departamento. É assunto para biólogos, zoólogos, botânicos, naturalistas, naturistas, cientistas sociais, médicos sanitaristas, em suma, ecologistas. Não há dia em que não apareça nos jornais, revistas, televisão ou rádio alguma notícia, informe ou um dado qualquer sobre a Natureza. “Preserve a natureza”, dizia um adesivo na janela de carro, cujo proprietário acabara de jogar um maço de cigarro vazio na calçada!

O que é Natureza? Um bom dicionário pode nos dar o primeiro roteiro semântico.

Vejamos o Caudas Aulete.

Henrique Graciano Murachco é professor de Língua e Literatura Grega da Universidade de São Paulo e membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (Sbec).

- o conjunto e sistema das coisas criadas; o universo;
- o conjunto dos fenômenos físicos e das causas que os determinam;
- as manifestações das forças naturais numa determinada região;
- a essência, os atributos, os elementos constitutivos de uma coisa;
- o curso comum e regular das coisas, a ordem natural;
- a constituição, o organismo de um corpo;
- os intestinos (com respeito ao exercício das funções evacuantes) [pop.];
- partes pudendas do homem ou da mulher (especialmente do homem) [Tomás de Aquino];
- qualidade, índole;
- objeto REAL de uma pintura ou escultura, “natureza morta”;
- naturalidade, singeleza nativa, graças naturais;
- temperamento de cada indivíduo, caráter;
- *as leis da natureza*, as regras e os princípios que determinam e regem os fenômenos naturais;
- *a lei da natureza*, o senso moral, o sentimento do bem e do mal ingênito do homem;
- *por natureza*, segundo sua própria índole ou caráter; *por natureza* é contrário de *por artifício*, e
- *cortar a natureza*, produzir frigidez sexual em (expressão popular de São Paulo).

Vejamos em latim *natura*, no Ernaut e Meillet, o dicionário etimológico latino.

1. ação de fazer nascer, nascença, nascimento;
2. natureza, caráter natural (próprio e figurado);
3. ordem natural das coisas, “*natura rerum*” traduzindo *phýsis*;
4. elemento, substância (termo filosófico que traduz *phýsis*), e
5. órgãos de geração (*naturale* – *naturalia*).

Raiz latina -*gen -gn - gigno* / *geno* / raiz grega -*gn -gen -gon*

Vejamos em grego *phýsis*, no Pierre Chantraine. Esta palavra é derivada do verbo *phyomai / phyô*.

Na voz ativa, fazer brotar, fazer nascer, produzir (Ilíada, VI, 148), raramente intransitivo (Ilíada, VI, 149).

O primeiro registro do verbo aparece na Ilíada, quando Glauco deve responder a Diomedes qual é a sua estirpe:

“Grande Titida, por que saber queres a minha ascendência?
As gerações dos mortais assemelham-se às folhas das árvores,
que, umas, os ventos atiram no solo, sem vida; outras, brotam

na primavera, de novo, por toda a floresta viçosa.
Desaparecem ou nascem os homens da mesma maneira.”¹

Na voz média, crescer, brotar, nascer.

No aoristo *phy-/Ephy*, e no perfeito *péphyka*, ter nascido, ser de nas-
cença, mais predicativo do sujeito.

São formas derivadas:

- *phyma* – excrescência, tumor, que é diferente de *fŭsij* (palavra muito freqüente no vocabulário médico);
- *phyê-phya* – crescimento (crescença), natureza, forma, caráter, estatura homérica;
- *autophyês* – nascido por si mesmo, natural;
- *phytos* – formado pela natureza, natural;
- *neophytós* – recente nascido / *zoophytôn* – vivificante;
- *phyteuô / phytéyo* – plantar, e
- *phytêr / phytôr* – plantador.

Benveniste, no *Vocabulaire des Institutions indo-européens*, afirma que *physis*, diferenciando-se de *phyma*, é a “realização (acabamento) *efetuada* de um *devir*”, natureza “no que ela é realizada, com todas as propriedades”. A palavra é encontrada como:

- origem (Empédocles, Platão e Aristóteles);
- nascimento/nascença (Heródoto);
- crescimento, forma natural (Hipócrates);
- natureza enquanto composição orgânica (Homero, *Odisséia*, X, 303);
- ordem natural (Demócrito);
- oposição *physei* – *nómô* (Platão, *Crátilo*) = por convenção – ordem natural. É o problema do caráter do signo ser arbitrário ou não, e
- espécie – gênero – *partes sexuais*, principalmente da mulher (Tomás de Aquino?).

Ela remete para *bhu / bhew-a / *bwh-ea / *bhu-a*. Assim: *bhû* - brotar, crescer, desenvolver-se. O sentido concreto *phyô - phy - phytôn*. Em armênio temos *busanim*, eu broto, eu cresço; *busoy*, broto, planta; em sânscrito, *bhumi*, terra, solo; em eslavo antigo, *bylige*, plantas, e em albanês, *bime*, planta.

Essa raiz *phy* será usada nas línguas indo-européias para substituir, como partes supletivas, o verbo *ser* no passado. É por isso que o verbo *ser* é irregular em todas as línguas. Desenvolveu o sentido de *DEVIR* (tornar-se)

e, nesse sentido, forneceu formas supletivas para o sistema do verbo *SER*, que, no seu significado, só pode ter um aspecto, o aspecto do *infectum* (inacabado). O verbo *ser* não pode ter nem aoristo nem perfeito. Em latim *fieri*, nas línguas românicas para o passado: fui, fosse, fora.

E nas línguas indo-européias:

- no sânscrito – *ásti*, ele é; *abbut*, ele foi;
- no eslavo antigo – *jesti*, ele é; *bybu*, ele foi, e
- no latim – *est*, ele é; *fuit*, ele foi.

Physis é um derivado da raiz *phy*, brotar, crescer. O sufixo *-sis* (o mesmo sufixo *-tis*), em grego, corresponde ao *-tione*, em latim, e *-ção*, em português. Significa a realização do ato verbal, na visão interna, pontual, aorista. O sufixo *-sis*, em grego, faz oposição com o sufixo *ma(t)*; *mentun*, em latim, e *mento*, em português, que significa o resultado do ato verbal. Nem sempre em português há uma diferença nítida entre os sufixos *ção* e *mento*, como, por exemplo, coroação, coroaamento. Como em grego, temos a oposição *poiésis-poiêma*.

Podemos dizer, então, que *physis* significa “brotação”, isto é, o ato dinâmico de NASCER, de BROTAR. É esse o seu significado básico, denotativo. E o falante grego tinha essa noção. Aquilo que os lingüistas denominam “competência lingüística” ou o in-consciente lingüístico, que é o fiscal da identidade de um idioma. Essa competência conserva e vigia a língua para que ela não deforme, não saia do seu curso.

Não podemos determinar uma data exata do aparecimento da palavra *physis* no grego. Ela existiu sempre em potencial, é uma existência virtual, desde sempre². *Physis* existiu antes de ser usada³. O que podemos fazer é traçar uma cronologia dos registros dessa palavra.

E o mais antigo, se aceitarmos que as epopéias homéricas foram elaboradas entres os séculos XIII e VIII a. C., sobre uma matéria do século XIII, está no canto X da *Odisséia*, no verso 303, no episódio em que, na ilha de Circe, Hermes fornece a Odisseu um remédio que ele deve mastigar para que resista aos feitiços de Circe:

“E assim tendo falado forneceu o remédio o Argicida,
tendo arrancado da terra e me revelou a natureza dele
A raiz era preta e a flor parecia leite.”⁴

Hermes revelou a natureza da planta, isto é, para que ela servia. Esse era (e é) o único registro em Homero. Todos os comentadores, inclusive o

dicionário especializado *A Lexicon of the Omeric Dialect*, de Cunliffe, só registra esta passagem nos 48 cantos de Homero, os 24 da *Iliada* e os 24 da *Odisséia*. Mas o computador, o *Perseus*⁵, que pode ser acessado pela Internet, registra duas passagens. O computador, que não falha (!!!), achou um outro, na *Iliada*, I, 235. Mas mostrou-se ser mau aluno de grego, pois confundiu a terceira pessoa do futuro ativo de *phyô*, fazer brotar, com *physei*, que parece o dativo da palavra *physis*. Mas aqui ele é o futuro ativo, terceira pessoa, do verbo *phyô*, que é produzirá. O computador não sabe separar as coisas, o que nos consola, pois continuaremos a ter algo a fazer.

É o episódio em que Aquiles está xingando Agamemnon, “cara de cão, cara de vinho”, e outras coisas mais. Aquiles pega o cetro dele e diz: “como este cetro não produzirá nenhuma folha, assim eu nunca mais vou fazer a guerra contigo”. Esse produzirá é o *physei*.

Por isso continuo dizendo que, em Homero, só aparece uma vez a palavra *physis*, o que dá razão aos antigos.

A palavra está apenas uma vez na forma substantiva e mais ou menos 25 vezes nas formas verbais ativas – fazer brotar –, ou médias – nascer, vir a ser. Mas o quadro das narrativas homéricas é mítico; o homem homérico é mítico, incapaz de pensamentos científicos, lógicos, racionais. É simplesmente o processo da narrativa popular.

Em Hesíodo (século VII a. C.), não há um registro sequer de *physis*. A atmosfera dos poemas de Hesíodo é mitológica, é essencialmente mitológica.

Só a partir do século VI é que a palavra *physis* passa a ser usada com freqüência. Três coincidências explicam esse fato: o surgimento da *pólis*, o nascimento da lírica e o aparecimento dos filósofos pré-socráticos, aliás mais costumeiramente chamados de *physiôlogoi* ou *kosmôlogoi*, do que por *philôsofoi*. Em muitas cidades gregas eles conviveram com os poetas líricos, às vezes harmoniosamente, às vezes não. Eles povoam todo o século VI a.C.

Mas não foram meras coincidências, há um pano de fundo comum: o deslocamento do interesse humano do coletivo para o individual, nas diversas cidades, sobretudo da Jônia e nas ilhas orientais.

Chama a nossa atenção o fato de os poetas líricos conviverem com os chamados filósofos pré-socráticos, e dentre os quais alguns dos 7 sábios, como Alceu, Safo ou Pítacos, em Mitilene, na ilha de Lesbos.

Um outro fato a se notar, não menos importante, é que os fragmentos dos pré-socráticos não foram redigidos em prosa, que ainda não tinha aparecido. Ou são elegias, ou frases proféticas em que se não reconhece uma

sintaxe elaborada, articulada. As sentenças dos pré-socráticos são construções primárias, de sintagmas curtos e enunciados curtos. As elegias são especialidades dos poetas líricos, dos chamados poetas elegíacos, didáticos, como Sólon e Teógnis, entre outros. Predomina o hexâmetro, como em Parmênides ou Empédocles. Nós estamos entre um discurso mítico, narrativo, paratático e a tentativa de um discurso científico, lógico, sintático e hipotático, subordinativo.

É que a prosa grega ainda não nasceu. Ela vai surgir e constituir-se em Atenas, em meados do século V, isto é, entre 50 e 100 anos mais tarde. São os chamados sofistas e sobretudo Górgias que organizam a prosa grega, que é expressa em dialeto ático, ou melhor, ateniense. É o *lógos* de Górgias, o *mégistos tyrannos* (o maior senhor, aquele que pode tudo), diante de cujo poder ele se extasia, e o de seus discípulos diretos e indiretos: Platão na filosofia, Demóstenes, Ésquines, Isócrates, Lísias e Iseu na retórica judiciária e política, Tucídides e Xenofonte na história.

E até Hipócrates médico é devedor de Górgias, como fica claro no seu discurso denominado *A Arte Médica*. Eu acho possível e até provável que quem teria induzido Hipócrates a escrever foi Górgias. *A Arte Médica* não é uma arte médica, mas é um discurso composto de 13 parágrafos em que ele tenta provar que a medicina existe. Deve ter sido um trabalho escolar que Górgias prescreveu, talvez dizendo: “Você fala de arte médica, sendo que isso nem nome tem. Prova que a arte médica existe”. E ele prova. É um trabalho mais de lingüista e de retórico, não tem nada de medicina. Apenas ele diz que se existe alguém que cura e a arte da cura, a arte da cura se chama arte médica. Ele usa todos os esquemas de Górgias nesse tratado. Não é um livro de medicina.

Heródoto certamente não foi discípulo de Górgias. Ele não é um prosador propriamente dito, é Homero em prosa. A prosa de Heródoto não é articulada, não é argumentativa, não é subordinativa; nem sequer o pronome relativo ela tem.

O hexâmetro, então, de metro narrativo em Homero e Hesíodo, passa a ser o metro expositivo nos poetas elegíacos Teógnis e Sólon, mas já numa combinação binária com o pentâmetro, o que é chamado dístico elegíaco. O pentâmetro é o hexâmetro amputado, isto é, dois pés que perdem metade.

Os pré-socráticos são, na verdade, os primeiros pensadores do Ocidente. Eles começam a separar mito e razão, começam a procurar explicação do universo que os cerca. Eles não têm, como dissemos, uma língua

elaborada, como, por exemplo, Aristóteles encontrou. Podemos imaginar, por exemplo, o que Heráclito teria escrito se ele tivesse encontrado o instrumento lingüístico que Aristóteles encontrou. É algo que não dá para reconstituir. Eles têm o hexâmetro, o pentâmetro e os metros jâmbicos, que são metros da lírica. O vocabulário também é pobre, ou melhor dizendo, ele é inepto, isto é, ainda não suficientemente experimentado para exprimir a nova realidade. Eles começam a perscrutar o universo, o mundo físico que os cerca, não com uma visão teológica e mitológico-religiosa, mas empírica, leiga, horizontal.

Os pré-socráticos representam a passagem do homem mítico ao homem da *pólis*, o homem racional.

Há uma coincidência em todos eles: os doxógrafos e comentadores, como Diógenes Laércio, afirmam que todos eles escreveram livros com o mesmo título: *Sobre a Natureza*. Se nos poemas homéricos a palavra *physis* apareceu só uma vez e nenhuma em Hesíodo, nos fragmentos dos pré-socráticos ela aparece mais de 200 vezes. Direta e indiretamente. Em todos eles é a visão do mundo, a visão concreta do mundo.

Tales, ao afirmar que a água é o princípio de todas as coisas, está procurando saber do que o mundo é feito, isto é, a *physis* do universo; mas ele diz que tudo está cheio de deuses: o âmbar e o imã mostram que há uma vida (deuses) em tudo. Essa era a *physis* de Tales.

Para Anaximandro, o princípio e o elemento das coisas que existem era o *Ápeiron*... de que provêm tudo, os céu e o mundo nele contido. Esse *Ápeiron* (eu discuto a tradução dessa palavra: seria o inabordável, o não-passável) envolve e governa todas as coisas (seria o *kósmos* de Heráclito). Mas os “seres vivos nasceram do elemento líquido quando ele tinha sido evaporado pelo Sol. O homem era parecido no começo a um outro animal, por exemplo, a um peixe!” É nesse movimento, nesse metabolismo dos elementos, que repousa a *physis* de Anaximandro.

Lembre-se da palavra *brotação*, a *physis* remete para esta idéia. A raiz do verbo *phy* é raiz do brotar. Então há o movimento como a seiva, por exemplo, numa planta. É essa a idéia de *physis*. É uma idéia muito física, muito concreta.

Anaxímenes, como Anaximandro, afirma que a substância fundamental é uma, é indefinida, mas determinada: o ar “como nossa alma sendo ar nos domina, assim um sopro e um ar envolvem e dominam o mundo inteiro (*Ápeiron*)”. Constatando a transformação dos elementos uns nos outros, ele a explica pela rarefação (aquecimento) e pela condensação (resfriamento). Em Anaxímenes é a visão dinâmica da *physis*.

Para Heráclito, a natureza ama os contrários e sabe fazer deles uma síntese e produzir harmonia. Isto se faz pela luta e conserva-se pela tensão entre os opostos. É essa a sua visão de natureza (fragmento 10). No livro *Sobre a Natureza* que lhe foi atribuído, poder-se-ia tirar a seguinte conclusão: “a idéia central é a do ciclo/fluxo e da harmonia dos contrários. O movimento para baixo é o do fogo que dá nascimento ao mar e do mar nascem meio a meio a terra e as trombas d’água. Quando o raio estronda, precipita-se chuva violenta”.

Jean Brun, em *Les présocratiques*, comenta que Heráclito assistiu o quase desaparecimento do porto de Éfeso. Hoje o porto de Éfeso de Heráclito está a 20 km no continente. É essa a transformação: a natureza trazendo areia e empurrando o mar. E o movimento inverso que, de baixo para cima, leva a terra à água, a água ao fogo por intermédio das exalações secas que alimentam os astros e sobretudo o Sol, pois as exalações constituem o princípio mais incorpóreo das coisas que são constituídas, o princípio desse fluxo perpétuo. Nós encontramos nessa explicação física dos fenômenos atmosféricos não somente o tema do ciclo e da união dos contrários, mas também a divisão da unidade segundo o múltiplo e o retorno do múltiplo à unidade. Esse movimento, esse ciclo, é a *phýsis* de Heráclito.

O mais importante do pensamento de Heráclito está na explicação que dá dos fenômenos naturais, pouco importando se, para a ciência moderna, essas explicações sejam caducas⁶.

Mas isto tem a ver com a *phýsis*. O devir de Heráclito não é linear, um simples afrontar de opostos. O devir de Heráclito é um movimento em todos os sentidos, um processo de mudança e transformação contínuo. Mas é um devir e revir dentro do Ser, e não um devir e revir do Ser. É DENTRO DO SER. A vida do fogo nasce da morte da terra; a vida do ar nasce da morte do fogo; a vida da água nasce da morte do ar, e a terra nasce da morte da água. A morte do fogo gera (engendra) o ar e a morte do ar gera a água; a morte da terra faz nascer a água e a morte da água faz nascer o ar e a morte do ar gera o fogo. E vice-versa. É um ciclo do devir “sobre a circunferência, o começo e o fim coincidem” (fragmento 103). Parece óbvio, mas o óbvio só se mostra óbvio quando alguém mostra que é óbvio.

Mas nós não temos capacidade de perceber isso, porque “a natureza gosta de se esconder”, e sobretudo porque não temos o *lógos* não somos capazes de compreendê-lo.

É grande a tentação de continuar a pesquisa: Xenófanes de Colofon, Parmênides, Zenão de Eléia, Empédocles de Agrigento, Anaxágoras de Clazomena, Leucipo e Demócrito. Isso daria assunto para mais uma ou

duas palestras. Deixemos para outro dia. Parmênides teria conhecido Sócrates, há até um episódio a esse respeito.

Por ora, eu queria finalizar adotando o primeiro capítulo d' *O Universo de Platão*, de Gregory Vlastos: "Os gregos descobrem o *Kósmos*", a partir do fragmento 94 de Heráclito. Ele mostra a importância dos pré-socráticos para a história das idéias.

É a passagem do mundo mítico para o mundo racional⁷. Para Vlastos, os pré-socráticos concordam com Heráclito!

“1. As regularidades solares ou são absolutamente impossíveis de romper ou qualquer ruptura que tenham comportará uma explicação natural, como um caso especial de alguma outra regularidade, ainda mais geral, que é por si mesma absolutamente inquebrável.

2. O que faz do mundo um *Kósmos* é a existência de tais regularidades de tão alto nível e absolutamente inquebráveis.”⁸

O Vlastos dá alguns exemplos, e diz que Heródoto está no meio desse caminho, ele é mítico, mas na condição de intermediário. Heródoto, no livro VII, 37, 2, relata que o exército de Xerxes estava partindo de Sardes para invadir a Grécia, “o Sol deixando o seu lugar no espaço, desapareceu, embora não houvesse nuvens e o céu estivesse absolutamente claro, e foi noite em vez de dia”. A expressão “o Sol deixando o seu lugar no espaço”, remete para a idéia de Sol como entidade divina, sobrenatural. Os guerreiros de Xerxes viram isso como um *phántasma*, uma aparição, com significados e conclusões a serem tirados.

Há um outro episódio que ele cita, que está em Tucídides, na *Guerra do Peloponeso*, livro VII, 50. O cenário é a planície diante de Siracusa, na Sicília. É a expedição que Nícias faz à Sicília na Guerra do Peloponeso, onde há um exército muito grande de Atenas que travará a batalha decisiva da guerra. Trata-se do local onde a força expedicionária dos atenienses e dos seus aliados está acampada. Sua posição tornou-se indefensável e uma retirada imediata faz-se obrigatória. Uma demora maior seria uma tolice criminosa. Deixemos que Tucídides continue a história. Tucídides fala:

“Mas depois de estar tudo pronto e quando se achavam na iminência de partir, ocorreu um eclipse da lua, que na ocasião estava cheia. A maioria dos atenienses, preocupada com o fenômeno, instou os comandantes a esperarem. O próprio Nícias, que se dedicava com um certo exagero à adivinhação e práticas similares, recusou-se

terminantemente até a falar do assunto antes do decurso de três vezes nove dias, de acordo com as prescrições dos adivinhos. Esta foi a razão pela qual os atenienses já tão arrasados, demoraram ainda mais a partir.”⁹

E o resultado: todo o exército de Nícias foi devastado, morto ou vendido como escravo. E Nícias não era um homem ignorante. Ele está, por exemplo, no *Laques*, é um dos personagens, um dos interlocutores de Sócrates. O que aconteceu? Ele ainda não saiu do mundo mítico.

Heráclito e os outros pré-socráticos teriam agido de outra maneira. Heráclito teria explicado o fenômeno, se ele estivesse na condução do exército.

Mas, afirma Vlastos,

“ao usar o termo ‘sobrenatural’, aqui e um pouco mais atrás, para identificar o fator cuja ação faz a diferença crucial entre o mundo da crença tradicional e o *Kósmos* dos *physiológoi*, por estar me expondo a crítica de anacronismo. Nícias e seus adivinhos não poderiam ter dito que o eclipse tinha uma causa sobrenatural – eles não tinham tal palavra.”¹⁰

A palavra sobrenatural, como diz ele, *hyperphysikós*, os gregos não conheciam. Eles conheciam o *mythos*.

Mas o que existe na sua linguagem são os equivalentes, na realidade os originais verdadeiros de um dos componentes deste termo. As palavras, para eles, seriam, *natural* (*physikós*) e *natureza* (*physis*). Esses termos, justamente, são os termos-chave da passagem do mundo homérico e hesiódico, mítico portanto, para o mundo de Heráclito e de Platão. Do mundo da crença comum e da imaginação dos períodos arcaico e clássico para o mundo dos *physiólogos* e de alguns intelectuais, como os pré-socráticos e depois Tucídides, por exemplo, que analisa a situação com aquela frieza do cientista.

Que a *physis* é ainda mais básica do que o *Kósmos* fica evidente no fato de os descobridores do *Kósmos* serem chamados de *physiológoi*, como são chamados os pré-socráticos. Quem os chama de *physiológoi* é Aristóteles. Essa evidência é reforçada porque a palavra é usada com muito mais frequência em seus tratados do que a palavra *Kósmos*. A beleza da *physis* é que ela mostra o que havia na concepção tradicional do mundo e por ter dado aos *physiológoi* elementos para a sua nova construção.

A meu ver, foi a visão da *physis* é que induziu os pré-socráticos a trabalhar a palavra *Kósmos*. Vejamos o fragmento 30 de Heráclito:

“Esse Kósmos, o mesmo de todos, nenhuma das divindades, nenhum dos homens criou, mas ele era sempre, é e será fogo sempre vivo, acendendo-se com medida e apagando-se com medida”.

A palavra *Kósmos* significa ordenação com beleza, ordenação com enfeite. Ela já é homérica. É evidente que a palavra *kosmológos* ninguém usa e é uma espécie de neologismo inútil. Mas quando Heráclito diz isto, é porque ele tem a noção de que a *physis* é um *Kósmos*. As forças da natureza, no seu enfrentar contínuo, nessa idéia da harmonia, obedecem a uma ordem que é intrínseca, da própria natureza. É por isso que ele diz que este Kósmos nenhum dos deuses e nenhum dos seres humanos o criou. Ele sempre existiu, sempre vivo, existia e existirá, acendendo-se com medida e apagando-se com medida.

NOTAS

1. Homero, *Ilíada*, VI, 145-149.
2. É a discussão do fato de uma palavra estar dicionarizada ou não.
3. Para fazer um parêntesis, lembre-se da palavra *imexível*, que foi utilizada por um ministro de Fernando Collor. Ela existia na língua sem estar dicionarizada. Com toda a ignorância do ministro, ele sabia disto. É essa competência lingüística que está em todos.
4. Homero, *Odisséia* [...].
5. *Perseus 2.0: Interactive Sources and Studies on Ancient Greece*, do The Perseus Project, by Gregory Crane; *Electronic Resources for Classicists: The Second Generation*, by Maria C. Pantelia, da University of New Hampshire.
6. O nosso defeito, a meu ver, é querer trazer os antigos ao nosso ponto de vista, impor o nosso ponto de vista sobre os antigos. Nós não deixamos os antigos falar. Nós vemos muitas traduções que dão pena, pois queremos aplicar os nossos conceitos em cima dos conceitos de Platão: nós censuramos Platão, nós censuramos Aristóteles, nós censuramos os pré-socráticos. Nós precisamos deixar o texto falar. É esta a minha linha de trabalho.
7. Eu não sei se podemos ou não chamar esse mundo de racional, mundo lógico. Nós somos cheios de preconceitos, porque pensamos no racional como o racionalismo do século XVII ou do século XIX, como se fossem etiquetas coladas que não poderiam mais ser mexidas. Precisamos ser mais independentes e procurar o sentido das palavras nelas mesmas, e aplicá-las não porque tenham virado moda, mas pelo seu significado. Eu não tenho vergonha de dizer que os pré-socráticos são racionalistas. Eles tentam encontrar a razão das coisas, e sobretudo da primeira das coisas que é a natureza que os cerca. Eles são quase intelectuais rebeldes que não querem mais aceitar a explicação de que tudo acontece por ordem dos deuses, pelo destino, etc.
8. Vlastos, *O Universo de Platão*, p. 15.
9. Tucídides, *Guerra do Peloponeso*, 7, 50.
10. Vlastos, *op. cit.*, p. 21. Não concordo com a crítica de anacronismo que se possa atribuir a Vlastos.

BIBLIOGRAFIA

- BENVENISTE, Émile. *Vocabulaire des Institutions indo-européennes*. Paris: Édition de Minuit, 1969. (Sens Commun)
- BRUN, Jean. *Les présocratiques*. Troisième édition. Paris: PUF, 1982. (Que sais-je?)
- CAUDAS AULETE. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. 5ª edição. Rio de Janeiro: Delta, 1986.
- CUNLIFFE, Richard John. *A Lexicon of the Homeric Dialect*. Norman: University of Oklahoma Press, 1963.
- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la Langue Grecque. Histoire des mots*. Paris: Éditions Klincksieck, 1990.
- DIELS, Hermann - Walther Kranz. *Die Fragmente der Vorsokratiker. Griechisch und Deutsch*. Zürich: Weidmann, 1989
- HOMERO. *Iliada*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, sem data.
- . *Odisséia*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro, sem data.
- TUCÍDIDES. *Guerra do Peloponeso*. 3ª edição. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1987.
- Vlastos, Gregory. *O Universo de Platão*. Trad. de Maria Luiza M. S. Coroa. Brasília: UnB, 1987. (Pensamento Científico, 22)